

constituída por *vogal + l*, — factos que são muito e muito característicos, — faz parte do *sub-dialecto baixo-minhoto* (1); finalmente, pelo seu *s* e *z* especiais, além da entonação geral, etc., constitue uma *variedade* nesse sub-dialecto (2).

Lisboa, Março de 1890.

X

PALAVRAS E FRASES DE MELGAÇO

Na Biblioteca de Évora, mss. III-IV, maço 37, pasta n.º 12, que tem por título *Papeis de D. João d'Anunciada*, há um folheto de 3 páginas, escritas à pena, cada uma em duas colunas, com o título de *Palavras e frases de Melgaço*, que copiei há anos, e que vou aqui publicar. A letra dêste folheto não é da mão de Anunciada, como se mostra da comparação dela com a de outros papeis escritos por êle.

A respeito de D. João d'Anunciada vid. *Dicc. Bibliogr.* de Inocêncio & Aranha, vol. III e X, s. V. Na referida pasta há outros papeis de onde se colhem várias notícias biográficas que completam as do *Diccionario Bibliographico*. Para o meu intuito basta lembrar o seguinte. D. João nasceu nos Covões, comarca de Cantanhede, na 2.ª metade do séc. XVIII, e morreu em 1847, em Évora, de cuja Sé foi cónego. Exerceu o cargo de bibliotecário do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, e aí regeu a cadeira de Retórica,

(1) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII (supra, pág. 117-118).

(2) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII (supra, pág. 118, nota 1).

assunto sôbre que publicou um livro com o título de *Methodo de ensinar a eloquencia*, Lisboa 1826. Por causa das suas ideias liberais mandaram-no sair de S. Vicente, e deportaram-no para o Mosteiro de Refojos de Lima, em 1828; esteve lá até 1834. Foi provavelmente nesta época que adquiriu o vocabulário das palavras e frases de Melgaço que se encontra entre os seus papeis em Évora. As inclinações de Anunciada para a Filologia explicam-se em parte por êle ser professor de Rêtorica e bibliotecário.

Citarei ainda outros factos que testemunham a actividade filológica de D. João. Entre os anos de 1825 e 1847 escreveu uma *Historia da litteratura poetica portuguesa desde as origens até Miguel do Couto Guerreiro*, de 556 págs. (algumas em branco), in-4.º, que não chegou a imprimir-se, mas que existe também na Biblioteca eborense, passada a limpo, com índice, e pronta para o prelo. O A. revela aí grande leitura dos nossos poetas, e nos trechos que li, pois não tive tempo de ler tudo, faz apreciações acertadas, e às vezes com graça e vivacidade: tem de ordinário modos de ver seus. Foi pena que na época a obra não viesse à luz. Hoje não digo que se publicasse na íntegra, pôsto valesse a pena fazer dela longos extractos, suprimindo-se sobretudo algumas das páginas do principio. Na *Revista Lusitana*, vi, 59, transcrevi a parte em que se refere a Gil Vicente. A Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos dá dela, segundo informações que lhe mandei, uma notícia no que respeita ao Cancioneiro da Ajuda, a pág. 12-14 da resenha bibliográfica que acompanha a edição que dêsse Cancioneiro está fazendo. — Juntamente com a *Hist. da litt. poetica*, há muitos rascunhos e apontamentos literários na referida pasta.

O primeiro editor do Cancioneiro da Ajuda, outrora chamado *dos Nobres*, foi, como é sabido, Lord Ch. Stuart, em 1823: a obra tem o título de *Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, e a edição constou de restricto número de exemplares (apenas 25!), pelo que logo ficou raríssima. D. João manteve relações com Stuart, que, além de oferecer à Biblioteca de S. Vicente de Fóra um exemplar do Cancioneiro, deu notícia a D. João da existência da *Grammatica comparativa das lingoas da Europa latina* de Raynouard (1821), onde o português é estudado concomitantemente com outras línguas românicas (1). O nosso filólogo

(1) Entre Raynouard e Stuart havia igualmente relações. Na *Grammatica*, pág. xli, diz aquele: «Une collection précieuse qui m'a été très utile, c'est le Cancioneiro manuscrit que possède la bibliothèque du collège royal des Nobles de Lisbonne». E em nota: «Le chevalier Charles Stuart, ambassadeur d'Angleterre en France, avait fait prendre une copie de ce manuscrit pendant son séjour à Lisbonne. Il a bien voulu me le communiquer, et il m'a autorisé à en prendre des extraits» (continua ainda a falar do Cancioneiro; mas o que se segue não vem para o meu caso). — Do Cancioneiro, após a ed. de Stuart, falou Raynouard em artigo especial no *Journal des savans*, Agosto de 1825, pág. 488-495. — Como ilustração, e para citar todos os documentos que conheço das relações de Raynouard com a filologia portuguesa, lembrarei que no *Lexique roman* (1836-1844, em 6 vols.) e no *Choix des poésies originales des troubadours* (1816-1821, também em 6 vols.), Raynouard alude muitas vezes à nossa língua (o vol. 6.º do *Choix* é constituído pela *Grammaire* que citei acima, a qual se publicou também à parte). Todos os camonianistas conhecem a ode de Raynouard a Camões; cfr.: *Camões, ode do cavalheiro Raynouard*... correcta e anotada por Araujo Carneiro, Lisboa, 1825; *Version portugaise de l'ode à Camoens de M. Raynouard, avec des notes* [por F. L. Verdier], Paris 1825.

escreveu ao filólogo francês a pedir-lhe a remessa da Gramática: isto consta da cópia que da mesma carta existe na biblioteca de Évora. Parece-me curioso reproduzi-la. Ei-la:

COPIA DA CARTA AO SR. RAYNOUARD,
ESCRITA EM 8 DE MAIO DE 1825

Sr. Raynouard:

«O Sr. Carlos Stuart, embaixador que foi de Inglaterra em França, teve a bondade de offerecer á Bibliotheca de S. Vicente, de que eu sou Bibliothecario, hum exemplar do *Cancioneiro* chamado *Galliciano*, que elle fez imprimir em Paris o anno passado, extrahido de hum manuscrito antigo existente no Real Collegio dos Nobres em Lisboa. Parece-me o Cancioneiro tão curioso e fóra da intelligencia commum, que poucos certamente, ainda mesmo bons grammaticos, serão capazes de penetrar a sua lingoagem e sentido verdadeiro. Esta obscuridade faz desejar alguma explicação, e eu estou determinado a dar-lhe minhas notas, que sirvão como de chave á sua intelligencia. Propondo este meu projecto ao mesmo Sr. Stuart, elle me lembrou que vós, Sr., tendes escrito huma grammatica na qual amostraes a união intima e a estreita fraternidade das duas lingoas mais occidentaes da Europa, allegando para isto exemplos tirados do dito Cancioneiro e outros de hum Cid hespanhol que tendes encontrado em huma edição mui antiga (1).

(1) [De Anunciada dizer «hum Cid hespanhol» não se conclua que desconhecia êste poema, pois ele o cita, bem como a outras

Vedes já, Sr., que outras pessoas, que vos conhecem de mais perto e admirão em vós hum sabio de primeira ordem, forão os causadores da confiança que tomo em vos distrahir; pelo respeito e attenção que lhes he devida, vos peço me desculpeis, ainda que a honra de tratar um sabio do vosso credito justificará na vossa presença toda a temeridade do meu proceder.

Eu desejo pois muito obter a vossa Grammatica e quaesquer outras ideas que tenhaes escrito sobre a materia; para isto são as minhas supplicas, os meus rogos, e faço esta carta, que vos será entregue por via do Sr. José Aleixo Falcão Vanzeller, fidalgo portuguezs assistente em Paris, e a elle mesmo recommendo o cuidado da remessa e a inteira satisfação do seu preço e importe.

Se vos dignardes, Sr., attender-me nisto, receberei hum obsequio mui distinto, e ao motivo que já tenho (1) de ser vosso grande admirador accrescentarei outro que me pertence, e vem a ser: vosso obg.^{mo} servo (?), D. J. AN., Bibli.» (2).

Raynouard atendeu o pedido, e enviou a Gramática a D. João, como se vê do seguinte, que se lê no cit. ms. da *Hist. da litt. port.*, pág. 190-191: «Mr. Raynouard, membro do Instituto, sócio e secretario perpetuo da Academia de França, na sua obra *Grammaire*

obras da antiga poesia hespanhola. Serviu-se da collecção organizada por Sánchez.—J. L. de V.]

(1) [Numa entrelinha lê-se *digno de vós*, que não faz sentido; talvez essa frase deva ficar depois de *distinto*.—J. L. de V.]

(2) [A carta não tem data; mas vê-se, pela alusão à edição que do *Cancioneiro dos Nobres* fez Stuart, que foi escrita em 1824].

comparée des langues de l'Europe latine, impressa em 1821, e que teve a bondade de me remeter de Paris em 1826...» D. João cita-a também noutros lugares da *Historia*, o que prova que a aproveitou.

Ainda a respeito de Lord Stuart, transcreverei um bilhete do mesmo, contido na referida pasta:

« SIR CHARLES STUART tem a honra de remetter ao Ill.^{mo} e R.^{mo} Padre Bibliothecario mór da Bibliotheca de S. Vicente de Fora o livro que lhe tinha emprestado, e aproveita esta occasião de lhe fazer os seus agradecimentos. — Janellas Verdes 21 de Maio de 1825 ».

Falarei agora do Vocabulário. A letra dêste, como acima ponderei, não é da mão de D. João, embora pertença ao séc. xviii. Foi pois um antigo ms. que êle obteve no Minho, ou que de lá lhe mandaram, feito por algum curioso, no gôsto do *Vocabulario de palavras e modos* etc., publicado por Bluteau em 1728, e por mim reproduzido no *Dialecto interamnense*, VIII (vid. supra, pág. 91 ss.). Nas *Noites de Evora* de A. F. Barata, 1897, pág. 29-33, já êste Sr. fez largo extracto do Vocabulário de Melgaço, porém não indicou a proveniência, e alterou o texto, e a significação das palavras: assim, mudou para o singular as palavras que estavam no plural; poz *estinhar* por *estinhar-se*, deu a *feso*, por *fezo*, a significação de « feito », quando essa palavra significa « fez »; a respeito de *bica (do borralho)* não apresentou toda a definição que vem no original; etc. (1). Não é pois inútil republicar o Vocabulário, o

(1) [O sr. Cândido de Figueiredo aproveitou no seu *Diccionario* o escrito do sr. Barata, e com tanta fidelidade, que até reproduziu *feso* como particípio de « fazer »!].

que realizo assim: escrevo com letra minúscula cada vocábulo inicial; melhora a ordem alfabética e a pontuação, e introduzo leves modificações que indico em nota; no mais observo o texto.

*

O que fica escrito foi o que saiu na 1.^a edição do presente trabalho (1903). Depois disso não só veio a lume (1904) em dois volumes o *Cancioneiro da Ajuda*, a que acima se aludia, mas tive ocasião de em Melgaço colacionar o vocabulário de Anunciada com a língua actual, e verifiquei que quasi tudo está exacto, vocábulos e definições (porei entre colchetes, adiante destas, qualquer observação que me ocorra; quando eu não puser observação, é que o vocábulo se usa).

Palavras e frases de Melgaço

abaladura, abôrto. [Em Monção diz-se neste sentido: *desparir*, e *dar de perda*. Vid. adiante a observ. a *dar de perda*].

acabandar-se a mulher, fazer-se *cabaneira*. Vid. [Só ouvi a expressão *cabaneira*, no sentido de «descansada; sem pressa»].

acadar hũa pessoa, espera-la, saindo aonde ela vem, etc.

achar-se ao engano, enganar-se. [Diz-se *achar-se enganado*].

adonde elle (hir) (1), ir aonde um sujeito está.

a feito, a fio, a eito.

(1) [No original falta o parentesis].

affuzal (1) de linho, hũ molho como *pedra de linho*.
agarimado, abrigado (sítio) (2).
alboyo, alpendre.
ametade (3) (masculino), *O ametade* (4). [Vid. o *ametade*].
amistade, amizade. [Diz-se *amizade*].
anaco, pedaço, etc.
ante conto, de pressa. [Não se usa hoje].
arjoadas, as.. (5) videiras atadas a paos.
arjoens, paos em que se atão as videiras.
arrendo, arrendamento.
arribada, parte do vallado cahida.
atuir, entulhar.
barbadas, videiras de raiz para pôr (6).
barbeito, terra que só se lavra de 2 em 2 anos.
beira; **estar á beira**, é estar ao pé, ou á borda.
bêo, veyo.
bessada, campo mayor e desigual; e o acto de o lavrar.
bica do borralho, pão asmo cozido na lareira; tão bem (7)
he hum tal pedaso (8) de manteiga. [Em S. Gregório,
no extremo do concelho de Melgaço, ouvi: *bica do*

(1) [= afusal].

(2) [No original falta o parentesis].

(3) [No original está por engano *ametae*; e falta o parentesis].

(4) [Deve entender-se *ũ' ametade* = *ũa ametade* ou *ũ η ametade*, com *n* gutural, como se diz no Alto Minho. Em pronúncia rápida *u' ametade*. A palavra não é pois masculina].

(5) [No original *mesmas*, porque no ms. *arjoadas* vem depois de *arjoens*, em que se fala em *videiras*; por isso suprimi aquela palavra inútil].

(6) [No ms.: *por*].

(7) [= também].

(8) [= pedaço .

borralho, bôlo feito no borralho; *bica da lareira*, bôlo feito no lar].

binherom, vierão.

bola é o mesmo (1), com pouca diferença.

borregar, ou *berregar*, gritar, clamar (2).

botado (vinho) (3), he o mesmo que corrupto, turvo.

bouça, mato de giesta.

bourar em hũ sugeito, dar-lhe pancadas (4).

brandouro, pesqueira no mais interior do rio.

broyar, dar com forsa e estrondo (5).

burgar, cavar mato e sacodilo (6).

burro, todo o genero de besta.

cabaneira, mulher solteira, que vive só (7). [Vid. o que aditei a *acabandar-se*].

cabirto, cabrito.

calor, a *calor* (femenino) (8), o calor. [Só ouvi no masculino].

campo, terra pequena, que dá pão. [Neste sentido diz-se *leira, valado*].

cangos, barrotes ou tirantes.

cangosta, *congosta*, *quingosta*, azinhaga. [Diz-se *còngosta*. Cfr. adiante, pág. 169].

cápeas, pedras mayores por cima da parede.

carrejão, homem que accarreta às costas. [A pronúncia é *carrejom*].

(1) [Subentenda-se: *que em português*].

(2) [Hoje só se usa *berregar*].

(3) [No original falta o parentesis].

(4) [Lá hoje usa-se *bruar*].

(5) [Idem].

(6) [Lá usa-se hoje na acepção de « arrotear monte »].

(7) [E que não tem modo de vida].

(8) [No original falta o parentesis].

carrejar, acarretar por qualquer modo.

cebado, porco.

cerdeira, cereigeira.

chimpar, derrubar.

cocar (o linho) (1), massalo 2.^a vez, depois da agoa, etc.

cocos, abóbras.

confradaria, confraria. [Diz-se *confraria*. Quanto à morfologia cfr. *fradaria*].

cordada de linho, hũ grande feixe delle por massar. [Não ouvi].

corga, vale fendido com agoa.

côrte, curral ou córte de gado.

costaã (2), da casa, parede por onde cáhe a agoa. [Como digo em nota, *costã* não se usa hoje em Melgaço, mas devemos crer que se usou. Num ms. do séc. xviii, Tombo da Casa do Morgado da Bemposta, frèguesia de Moreira, concelho de Monção, lê-se, segundo comunicação do meu amigo D.^{or} António de Pinho: « e na (parede) do Norte tem huã pedra grande com coatro escudos das armas das illustres e antigas familias dos instituidores deste morgado, que está na *costaõ* da parede do mesmo lado do Norte entre as duas ultimas janellas ». *Costão* é pronúncia minhota, por *costã* (vid. *Dial. interamn.*, 1, § 3), pois no mesmo ms. se lê também *quintão* por *quintã*; a pessoas da mesma frèguesia de Moreira ouvi de facto *-ãõ*, isto é, *questão* = *costã*. Chama-se *costã* a parede lateral

(1) [No original falta o parentesis].

(2) [No original: *costaa*, havendo adiante do último *a* uma haste que considero como til, a julgar de outras palavras onde é evidente o til assim figurado. Comtudo *costãa* não se usa hoje em Melgaço].

de uma casa. Em Castelo Branco ouvi dizer *costã* no sentido geral de parede de casa: « esta casa tem quatro costãs ». Morais traz *costão*, no sentido de « lombo », como vocábulo beirense. Tôdas estas formas derivam de *costa*. À parede oposta à da frente dá-se no Minho o nome de *outão*].

coutada, mato tapado para tojo e pastos.

crabunhas, caroços da fruta. [A par diz-se *carabunhas*].

crega, a filha do clérigo. [Não se usa].

cresposso (1), pescoço.

dar de perda, deitar a perder. [Diz-se *deu-se de perda* a mulher grávida, quando há dificuldade de parto ou distocia. Assim ouvi; mas um médico disse-me que *dar de perda* é o mesmo que *desparir*, isto é, « abortar »].

debousar (2) o linho, é purificá-lo nas maons e pedra. [Purificar o linho diz-se *estrigar*. Cfr. *bouceira* na língua comum].

deveza (3), mato com árvores tapado.

deya: « quer que se lhe deya », etc., quer que se lhe dê, etc. [Dizem *deia* e *déa*].

dia passado, o dia passado, em lugar de: os dias passados. [Esta expressão só se refere a « ontem » e « ante-ontem »].

discante, viola pequena. [Não se usa, pelo menos na vila. Cfr. porém em hespanhol *discante*, que, entre outras acepções, tem a de « especie de vihuela pequena, de voces muy agudas » (*Dicc. de la Acad.*)].

(1) [= crespoço. Hoje diz-se lá *cospôço*. Noutras partes tenho ouvido *quespôço*].

(2) [= debouçar. Cp. *bouceira* nos dicionários].

(3) [= devesa].

duzia de linho, certa conta de estrigas.
eido, morada com seus logradouros. [Sem a casa].
embarrada (mulher) (1), pejada, prenhe.
empessar (2), comessar. [Não se usa hoje senão em S. Gregório].
emporisso, ainda assim, todavia. [Não se diz hoje].
empregado, entrevado. [Corrente noutras províncias].
em tanta fôrma, de tal sorte. [Diz-se: *de fôrma*, e *de tal fôrma*].
enta, camada de algũa cousa.
envidadouro das pesqueiras, barasso grande que segura as redes.
escalão, pedras na parede, para se passar. [Usa-se em S. Gregório, na fôrma *escalom* = *escalõ*].
escaleira, escada.
esgassado (3), arranhado.
esguitar hu[m] campo, parti-lo em leiras entre muitos.
esmonar-se, quebrar-se hũa parte de qualquer couza, separarse, etc.
estar com, etc., conversar com um sujeito, buscalo.
estezo (4), estendido. [Não ouvi na vila, mas a palavra é perfeitamente legitima: lat. *exte(n)sus*].
estinhar-se (a água) (5), deixar de correr.
faldro ou [faldra?] fralda. [Só se usa *faldra*].
fame, fome. [Hoje não].
fartes, ou **que fartes**, é o mesmo que *muito*. [Diz-se *que farte*. Vid. adiante, pág. 169].

(1) [No original falta o parentesis. — Assim no ms.; mas a palavra não se usa lá hoje, e só *embaraçada*].

(2) [= *empeçar*].

(3) [= *esgaçado*].

(4) [= *esteso*].

(5) [No original falta o parentesis. — Também se diz do sangue].

fato, pequeno rebanho de gado.

fez, é o mesmo que *fiz* (1).

fezo, fez. [Assim se diz ainda em S. Gregório].

fiz, também significa *fêz*. [Fiz = fez, em S. Gregório, e outras partes do Minho].

folheteiro, pesqueira na parte exterior do rio. [Diz-se hoje *folhateiro*].

formalidades, quinhões de terra. [Hoje diz-se *formal*].

fum, fui. [Assim ouvi em S. Gregório. Noutras partes do concelho: *fui*].

gando, gado. [Assim em S. Gregório, noutras partes do concelho: *gado*].

goarida, rego contínuo de vinha (?) (2). [*Goarido* significa «rêgo de água pequeno». Aplicado a vinho não se diz].

grabato, paozinho.

graxa, gordura.

guiar, concertar, compor. [Por exemplo: *guiar uns çapatos*. A pessoas de Paços, povoação do concelho de Melgaço, ouvi: *guiei-ch'o jantar* = arranjei-te, ou preparei-te o jantar].

herdeiros, consortes ou sócios.

hir ante conto, hir de pressa a hum negócio. [Não ouvi].

hir em hũ sitio, etc., hir a hũ sitio, etc. [Diz-se: *ir a um sitio*].

hir onde elle, hir aonde elle está.

(1) [No original lê-se por engano *fez*. Como a linha inferior, isto é «*fezo*, — fez», fica por cima desta, quem escreveu equivocou-se com o *fez* superior, e escreveu essa palavra em vez de *fiz* (o que é confirmado pelo *tambem* que se lê s. v. *fiz*). No povo do Norte usa-se por vezes *fez* em lugar de *fiz*].

(2) [No original parece ler-se *devido* ou *devinho*].

invaza (1) (do vinho), é tiralo do lagar onde está alguns dias, e lansalo nas pipas.

iuvenca (2), vaca ou bezerra. [Significa « burrica » pequena (ou égua): assim ouvi em Paderne e em Castro Laboreiro].

jaza, trave. [Na vila ouvi *jaze*, em S. Gregório *jázia*. O meu colega D.^{or} José Maria Rodrigues, que é do concelho de Valença, diz-me que lá se usa *jaza*].

lardo, toucinho.

lareira, lar onde se faz lume.

lata, latada ou parreiral.

legão, enxada. [Isto é: *legóm*. Em port. antigo era da mesma fôrma. Na Cividade ouvi *lugom*].

leiva, aduela de pipa.

limar o campo, trazer-lhe água de inverno.

lomêdro, parte da perna superior ao joelho. [Não se usa, ou pelo menos não ouvi; mas o autor do *Novo Diccionar*. dá essa palavra como transmontana, no sentido de « nádegas ». Em galego « hueso que forma el anca del animal ». (*Dicc. de Valladares*)].

mal de fóra, feitiços. [Hoje só significa « venéreo »].

mandil, avental.

manozear, trazer entre maons. [Não ouvi; porém na língua comum há *manusear*].

mayozia (3), maioria, vantagem.

mercedes! viva muitos annos! [Em Castro Laboreiro ouvi essa palavra no sentido de « muito obrigado! », para agradecer].

(1) [= invasa, substantivo verbal de *envasar*].

(2) [= iuvenca].

(3) [Há êrro? Tal palavra não se usa hoje em Melgaço, só se usa *maioria*].

moço, filho pequeno, menino.

molete, pão mole.

mora, amora, e pizadura negra.

nenho, mentecapto, pateta, inerte. [Ouvi a palavra no sentido de « pouco desembaraçado ». Cfr. *Dial. interamn.*, 1, supra, pág. 18].

ningum, nenhum. [Só ouvi em S. Gregório, onde é muito usual].

nobios, noivos. [Não ouvi a palavra, porém ela tem carácter muito raiano: cf. *O Archeologo Portug.*, x, 290, nota 1. Em hespanhol: *nobio*].

o ametade, a ametade (1).

obrejar, v. g. com frio, tremer com frio. [Em Castro Laboreiro e Lamas de Mouro ouvi espontâneamente *obrejar* no sentido de « ter frio ». Na vila de Melgaço dizem *boubelar*: « está a *boubelar* com frio », isto é, a tremer].

o dia passado, hũ destes dias. [Ouvi no sentido de « ontem ». Cfr. supra, pág. 164].

pata, pé. [Mão de animal].

peja, peya do animal. [Vid. o vocábulo seguinte].

pejado, animal, peado. [Usa-se correntemente *péja* no sentido de « peia », feita de corda. Em S. Gregório ouvi: *animal pejado*, isto é, com *péja* ou « peia »].

pelo, campo de erva.

pervage, mergulhão de hũa vide, [Do lat. *propago*: cf. Julio Moreira in *Revue Hispanique*, v, 433].

perzigo, conduto de carne ou peixe. [Isto é, *presigo*].

peúgas, polainas ou meyas das Crastejas (2). [Também ouvi *piúcas*].

(1) [Vid. *ametade*].

(2) [*Crastejas*, mulheres de Castro ou *Crasto Laboreiro*].

pial, parede alta da pesqueira.

poços, cepas de mergulhia. [Chamam *pôças* a covas para meter as vides que se mergulham].

pôda, podão ou podoa.

ponto, pontada, dôr do pleuriz.

portêlo, passage (*sic*) com pedras na parede, para se pôr o pé.

pouco de si, falta de juizo. [Por exemplo: aquele é *pouco de si*].

pruga, purga.

purgar, o vinho, etc., alimpar da flôr.

quedar, ficar.

que fartes, muito. [Assim ouvi em S. Gregório (« ele tem *que fartes* »); em Melgaço ouvi *que farte* (ter pão *que farte*). No Baixo-Minho *cofarte*, com labialização do *e*. Tanto *que farte* como *que fartes* e *cofarte* são expressões invariáveis. Cfr. supra, pág. 165].

quelha, rua estreita.

quingosta, azinhaga. [Cfr. supra, s. v. *cangosta*].

quinteiro, quintal, pateo, ou pequeno cerco ao pé das cazas.

quitar, tirar.

rabiar, enraivecer-se.

rapaza, rapariga. [*Rapaza* não ouvi, mas é palavra muito corrente em Trás-os-Montes].

rapazo, ou raparigo, rapaz. [Não ouvi *rapazo*, mas sim *raparigo*, em Castro Laboreiro].

rebotado, corrupto, avelhentado. [Chama-se *rebotado* um pão que é cozido demasiadamente: « o pã rebotou »].

recio, logradouro à roda das casas; e orvalho da noite. [Na matriz predial de Castro Laboreiro encontrei a

- seguinte expressão: « casa inclinada, com altos e baixos, e *rocios* de feno »: isto é, *rossios*. Noutros pontos de Portugal o povo diz também *ressio*].
- reconto**, pergunta que se faz da gente por hũ rol. [Cfr. galego *reconto*, na acepção de « lista »].
- reloucar**, enlouquecer, sahir de si.
- repêlo**, escalabradura em mão ou pé. [Significa « belisco »].
- ressa de sol**, *restea*, *rayo do sol*. [Isto é, *reça*].
- rezuras**, dores depois de parir.
- rifar**, ralhar, peleijar. [Não ouvi em Melgaço, mas em galego diz-se *rixar*].
- rodo e rodilha**, joelho. [Não ouvi *rodo*, sòmente *rodilha* em S. Gregório e Paderne, no sentido de rótula (do joelho). Cfr. hespanhol *rodilla*].
- sabajo, sabajora (?)**, coisa endemoninhada. [Não ouvi. O *Novo Dicc.* traz *sabajoia*].
- sandar, sarar**. [Só ouvi em S. Gregório, por exemplo: « já *sandache?* » = « já saraste? ». Em galego também se usa *sandar*. Vê-se que no latim da Lusitânia existiu o verbo **sanitare*, a par do *sanare*].
- sanja**, barroca, rêgo de dezagoar a terra.
- sayo, véstia**. [Hoje não se usa, mas em hespanhol há *sayo*. Em português corrente só na literatura].
- simentos**, alicerces. [Isto é, *cimentos*].
- sinaes**, nas teyas, — 6 varas das mesmas, ou 7.
- sopeado**, menino, — baptizado em casa.
- sumidouros**, barrocas subterraneas [para desagoar a terra] (1).

(1) [No ms., em vez da frase que ponho entre colchetes, diz-se *para o mesmo efeito*, porque o vocábulo vem imediatamente após *sanja*].

surreira, por onde entram os enxurros nos campos.
tânjara, carga de pancadas. [Só ouvi *tanja*].
tardo, pezadêlo.
tascar o linho, espadelar.
tizouras, tesoura. [Isto é, *tisouras*].
tóla da agoa, parte do rego onde ha muitas roturas, para sahir a agoa. [Cada uma das roturas é que é a *tóla*].
tolheito, tolhido.
tragner, trazer. [Não ouvi, mas existe na Beira].
trépa de pao, carga de pancadas (1).
trepar, calcar, pizar com os pés. [Só ouvi no sentido de «subir». Na lingua corrente há *tropear*, que porém quer dizer «fazer barulho, batendo com os pés »].
trespôr, lançar longe qualquer couza.
tritar, v. g. com frio, — tremer com frio.
trono, trovão. [Não ouvi; mas há essa palavra em gallego, correspondente ao hespanhol *trueno*].
trousar (2) o vinho, trasfegalo, mudalo para outra vazilha.
valos, valados de terra ou pedra nas fazendas. [Só ouvi em S. Gregório *valado* e *valouco*].
ullo elle?, onde está elle? [Em S. Gregório ouvi: «*ca-d'ulo?*» e também «que é *d'ulo*», no sentido de «onde está ele?»].
vieche, vieste, etc.; como *foche*, por *foste*, etc. [Só na raia, S. Gregório, ouvi: *binheche* neste sentido].

(1) [No ms. diz-se *o mesmo*, porque o vocábulo vem logo depois de *tânjara*].

(2) [= *troussar*].

viela, uma travessa estreita ou caminhozinho. [Não ouvi; mas é vocábulo do Pôrto, etc].

vinhoens da teya, cabrestilhos, cada hũ de hũa certa conta de fios. [Cada vinhão ou *binhom* tem doze fios].

xeroubia, raiz branca, como rabão ou como senoura. [Ouvi *xaroubia*].

xibar, roncar como valentão, fazendo sécia.— Explique-a o inventor. [Não se conhece aqui, mas é palavra da língua comum: vid. *Morais*; e cfr. *chibante*].

zeba dos porcos, — cêva, etc. [Isto é, *ceba*: assim se diz em S. Gregório e Paderne].

zoar, ralhar, peleijar. [Ouvi em Paderne].

Muitos dos vocábulos transcritos são, como se viu, fórmulas verbais: *binherom*, *beo*, *deya*, *fezo*, *fum*, *tolheito*, *vieche*. Tôdas elas tem seu paralelismo em galego: *viñeron*, *veu*, *dea*, *fixo*, *fun*, *tolleito*, *viñeche*. De facto, a linguagem geral de Melgaço estabelece transição do português para o galego; nesse concelho até há, na aldeia de Parada do Monte, um falar com caracteres próprios, entre os quais, como mostrei na *Rev. Lusit.*, vii, 137 (artigo que se transcreve no vol. I dos *Opusculos* com o título de «Linguagens fronteiriças»), sobresaem os pretéritos em *-che* e em *-o*, que estão no Vocabulário representados por *vieche* (e *foche*, s. v. «*vieche*») e *feso* (por *fezo*).

Às palavras *fame*, *gando*, *rapaza*, *trono*, correspondem em galego palavras iguais; a *emporisso* corresponde *empouesso*; a *broyar* (*bruar*) corresponde em parte *bruar*; a palavra *eido* tem a mesma significação em galego. O estudo do léxico confirma pois a dedução tirada do estudo da morfologia.